

## Editorial

É com prazer que trazemos a público esta edição da *Protestantismo em Revista*. Esse número compreende alguns artigos de pesquisadores do NEPP a respeito da *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, obra do sociólogo alemão Max Weber, que está completando cem anos de publicação no biênio 2004/2005. Estamos nos referindo ao segundo semestre de 2004 passado, quando analisamos a obra de Weber do ponto de vista das confissões protestantes nela representadas. Solicitamos a membros do Núcleo ou professores da EST que abordassem o trabalho de Weber a partir de seu olhar confessional. Ao reformado, pedimos um texto sobre Calvino na referida obra. De semelhante forma, solicitamos a contribuição de um luterano, batista, metodista, pentecostal. Também discutimos o assunto do ponto de vista do pietismo. Lamentamos que nem todas as apresentações se transformaram em textos.

Abrimos a revista com uma breve bibliografia sobre Max Weber, feita pela Dra. Adriane Luiza Rodolpho, professora de antropologia cultural e da religião da Escola Superior de Teologia.

Coube a mim analisar a compreensão de Weber a respeito do conceito de vocação em Lutero. Minha análise procura transcender as colocações feitas por Weber no capítulo que trata especificamente da contribuição luterana ao “espírito” do capitalismo. Em síntese, Weber não considera relevante o novo sentido dado à palavra *Beruf* na configuração do “espírito” do capitalismo. Para Max Weber, o luteranismo não traz impulsos para uma ação “revolucionária”. Ele foi demasiadamente tradicionalista, ou seja, manteve-se muito próximo do catolicismo medieval, não obstante sua ética intramundana.

A doutoranda Mary Ruth Esperandio apresenta dois instigantes textos. Em *A identidade batista e o espírito da Modernidade*, está em análise o *ethos* batista brasileiro.

Tendo em vista a tipologia weberiana, pergunta-se pela identidade protestante dos batistas brasileiros. A autora percebe entre os batistas elementos do que Weber denominou “espírito” do capitalismo. Entre outros aspectos, realça que “a fé individual leva a um estilo de vida que se traduz na conformação racional de toda a existência”. Em relação ao que denomina religiosidade contemporânea, que se caracteriza pela aposta no presente, ressalva que os batistas dela se distanciam. Para os batistas brasileiros, a certeza de salvação no futuro continua a ser um traço identitário.

O segundo artigo de Esperandio faz instigantes comparações entre as concepções de trabalho em Weber e na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a qual expressa os traços básicos de uma religiosidade contemporânea. Enquanto no calvinismo o trabalho relaciona-se com uma vida ascética, que leva à poupança, na compreensão expressa pela IURD, o gozo do presente está em evidência. Em termos não usados pela autora, diria que a “gastança” tomou lugar da poupança. Em vez de uma ética puritana, temos agora o hedonismo da sociedade de consumo. Acrescentaria por minha conta que o Deus distante do calvinismo weberiano transformou-se numa divindade próxima e serviçal, comandada magicamente por quem solicita as bênçãos. Em contrapartida, poderíamos nos perguntar se a bênção material, como sinal externo, não seria um ponto em comum entre o calvinismo na compreensão de Weber e o modo iurdiano de viver a religião. Começa-se, então, a classificar a “teologia da prosperidade” da IURD e tendências afins como um neoprotestantismo. Estaríamos diante de um neoprotestantismo à brasileira? Como disse acima, essas colocações decorrem da leitura instigante da doutoranda a respeito da IURD enquanto um modo de subjetivação contemporâneo.

Teólogo afro-descendente cubano e mestre em Teologia pelo IEPG, Pedro Acosta Leyva resgata o valor da obra de Weber para o seu país, onde uma forte tradição marxista “vulgarizou” perspectivas de análise a partir da antropologia e da psicologia. Na mesma perspectiva, o doutorando busca em Weber uma chave de leitura para entender o “espírito do capitalismo” em práticas religiosas pentecostais e

neopentecostais, evitando o risco tão comum de reduzi-las ao economicismo. Sob minha responsabilidade acrescentaria que a análise de Weber sobre a burocracia, empresarial e/ou estatal, poderia ter ajudado aos partidos de esquerda a continuarem tencionando entre o espírito revolucionário e as pesadas estruturas burocráticas que vieram em seu lugar.

Entre outras lacunas deste número da *Protestantismo em Revista*, destaco alguns aspectos que merecem aprofundamento na *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Primeiro, Weber conhecia profundamente o pensamento teológico das tendências protestantes nascidas na Reforma do século XVI. Segundo, ele não faz afirmações categóricas, pois conhece como essas “verdades” teológicas orientam a vida prática das pessoas. Alguém da antropologia, já disse que a etnografia está em germen nesta obra clássica da sociologia da religião. Em terceiro lugar, há a compreensão weberiana de que os reformadores do século XVI não tiveram como propósitos as implicações decorrentes de suas mensagens. Weber relembra que o homem de seu tempo tem dificuldade em compreender o mundo religioso do século XVI. Com isso, afirma que o cerne da teologia dos reformadores explicita-se na pergunta pela salvação. Logo, as implicações sociais, políticas e econômicas decorrem de uma resposta à pergunta pela salvação religiosa. Em outras palavras, Lutero, Calvino e outros reformadores não estavam preocupados com o desenvolvimento do “espírito do capitalismo”.

Por fim, incorporamos a este número o prefácio por mim elaborado do livro *O que é o Islã?* de Melanie Miehl. É uma obra traduzida do alemão, que visa responder a uma série de perguntas sobre o islamismo. Foi publicado recentemente pela Editora Sinodal, São Leopoldo. É um texto didático. Logo, extremamente acessível.

São Leopoldo, julho de 2005.

Prof. Dr. Oneide Bobsin